



Leonardo Affonso de Miranda Pereira. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

O 'fidalgo sport' e suas fascinantes histórias

Livro sobre o futebol no Rio de Janeiro mostra como o jogo inventado pelos ingleses penetrou no Brasil, atraindo primeiro figuras da sociedade, e depois se consolidou quando chegou também à população pobre e aos negros

por José Sebastião Witter

Começo a falar sobre o excelente livro de Leonardo Affonso de Miranda Pereira pelo rodapé de uma foto dos anos 30, que identifica, ao velho estilo, os jogadores, por suas posições, entre os "em pé" e os "agachados".

Nesta fotografia estão, da esquerda para a direita: Otto, Médio, Domingos da Guia, Fausto, Martins e Yustrich (em pé) e Caldeira, Ladislau, Leônidas da Silva, Engels e Jarbas (agachados). Ela é diferente? Não na forma e no estilo, porém marcante porque, depois de muitas polêmicas, o Flamengo `formava' um time com sete de seus principais jogadores afrodescendentes.

Com essa equipe acabava por se tornar em 1935/36 uma das principais atrações do campeonato carioca e os anos que se sucederam acabaram por mostrar que tinham razão os dirigentes que optaram por essa fórmula. Muito sucesso foi o que conseguiu o rubro-negro nos anos que fecharam a década de 30 no Rio.

Alguns dos nomes que compunham esse esquadrão acabaram por ser referências nacionais e internacionais. Lembremos somente Fausto (a Maravilha Negra), Domingos da Guia e Leônidas (o Diamante Negro).

Este momento, em que os negros começam a ter suas competências reconhecidas e também quando o profissionalismo começa a se fortalecer e consolidar, é um referencial na História do Futebol Brasileiro, pois começávamos a ser um país exportador de craques e os nossos times e a Seleção passariam a ser destaque no mundo esportivo de então. A Copa de 1938 se incumbiria de fortalecer o nosso prestígio internacional e revelaria jogadores que, no correr dos tempos, se notabilizaram dentro e fora do país.

Leonardo Affonso não fica, no entanto, somente no registro dos grandes craques e dos clubes mais notáveis. Também não se circunscreve ao campo de jogo e seus personagens. Ele busca, com sensibilidade e competência, recuperar a memória e a história do futebol na então capital da República e ilumina toda a vida esportiva nacional.

Footballmania é uma obra cuidadosa, resultante de uma tese acadêmica e nem por isso difícil de ler e compreender. O autor foi feliz desde a escolha dos títulos dos capítulos ("Um Fidalgo Sport?", "O Orgulho da Nação", "O Jogo dos Sentidos" e "Do Foot-Ball ao Futebol") até o formato das notas, das fontes e da bibliografia. Não há espaço suficiente para destacar o que mais merece destaque - o livro é o destaque.

Embora não seja uma descoberta, mas sim uma comprovação, é sempre interessante que um livro como este retome temas como o da promoção do chamado "esporte bretão" em nosso país, no caso na cidade maravilhosa. Então ressurgem os nomes de Cox, Victor Etcheagaray, que seriam como que divulgadores do novo jogo, como prefere Leonardo Affonso. De um livro de memórias o autor busca informações preciosas, deixadas por Luís Edmundo, que fora contemporâneo de escola de Cox. Por meio dele pode-se sentir a atração que o "jogo de bola" exercia sobre a juventude mais refinada do começo do século. Entre chegar, conquistar, expandir e se consolidar foi um lapso de tempo. O "Fidalgo Sport" aos poucos foi conquistando todas as camadas da população e clubes diferenciados foram se instalando nos cantos e recantos da capital.

Desde o início da prática do futebol, no Rio, a imprensa foi uma parceira para sua divulgação. Mesmo sem conhecer direito o que era o jogo e muitas vezes o repórter mal sabia descrever uma partida, o que acontecia é que qualquer "match" acabava virando boa notícia. Não dá para enumerar neste espaço, pois viraria uma verdadeira lista telefônica, os clubes dedicados ao novo esporte que foram aparecendo em toda a capital, a demonstrar a sua penetração. O autor mostra como aos poucos o esporte de elite procurava deixar de lado os excluídos, que afinal iriam conquistar seus espaços e modificar a própria imagem daquele jogo que muitos tentaram rotular de ludopédio. Um pouco de pedantismo e nacionalismo exacerbado.

Com o "Orgulho da Nação" Leonardo traz para os leitores o surgimento de novas agremiações e a criação dos órgãos dirigentes da "nova febre" nacional. Um rico capítulo para se entender mandos e desmandos da vida dos esportes no Brasil, ao lado da projeção da modalidade como ponto de referência nacional. Oportuna a análise da figura do grande goleiro Marcos Carneiro de Mendonça em sua juventude, também um grande historiador e escritor brasileiro na sua maturidade.

Talvez o melhor do livro esteja em "Jogo dos Sentidos": nele o autor explicita o título de sua obra ao atribuir a expressão "footballmania" ao grande sociólogo e educador Fernando de Azevedo. É delicioso acompanhar toda a análise feita, principalmente quando Leonardo vai trazendo os grandes escritores e literatos da época para o campo de futebol. Então pode-se conhecer o que pensavam autores como Coelho Neto, que era um apaixonado torcedor do Fluminense, onde jogavam seus filhos Mano, Georges, Paulo e João. Coelho Neto ocupa espaço considerável na obra e sempre surge como um defensor do "esporte das multidões", mas também ressaltava o valor do esporte "para a construção de uma nação mais sadia e forte", "uma era nova em nossa pátria."

No lado oposto surgia a figura de outro escritor não menos notável, Lima Barreto, avesso ao novo esporte que era introduzido com sucesso no país. Outros nomes da literatura e da arte aparecem também neste capítulo, porém são os dois literatos os que ocupam maior parte da atenção de Leonardo Affonso e, diga-se, com toda propriedade e pertinência. As questões sobre o jogo da bola sempre tiveram contradições marcantes, nunca deixaram de ser polêmicas. São diferentes as tradições e as formas de ver e jogar o próprio futebol. Vendo tantas e tão diferentes interpretações Leonardo Affonso afirma: "Não se trata, assim, de tentar definir para o jogo um novo sentido unívoco. Se não significava necessariamente a disciplina desejada por Coelho Neto ou a alienação formulada por Lima Barreto, nem por isso o futebol teria para todos os seus admiradores qualquer outro sentido total - pelo contrário. Se os vários adeptos do jogo de bola compartilhavam por ele uma mesma devoção, ela certamente era feita de sonhos, projetos, esperanças e sentidos muito diferentes - os quais, por mais que se tentasse nos anos seguintes, dificilmente sumiriam sob uma mesma imagem de felicidade e harmonia nacional."

Não seria necessário nada mais dizer para recomendar a leitura de Footballmania, porém devo ainda mencionar que o capítulo que praticamente encerra a obra nos conduz à transformação do "Foot-Ball em futebol", quando no ritmo natural das transformações o jogo vai deixando de ser de "branqueles" e vai ficando colorido com a chegada dos negros e pobres aos estádios. Pode-se dizer que o "Foot-Ball" se nacionaliza e vai começando a se transformar na "Paixão Nacional" e num símbolo de brasilidade. Os jogadores vão se transformando em heróis, enaltecidos em prosa e verso como nestes de Gilka Machado: "Que os Leônidas e os Domingos/ Fixem na retina do estrangeiro/ A milagrosa realidade/ Que é o homem do Brasil (...)" E concluo, depois desta exaltação a dois ícones de meus tempos de menino, quando eu sonhava em ser craque, com as palavras finais do autor de Footballmania: "Fruto de um processo que, por mais que tenha adquirido uma intensidade crescente em 1938, mostraria nos anos seguintes que estava longe de ter um fim, o prestígio de Leônidas e Domingos já parecia atestar o sucesso da empreitada. Tornando nacional um esporte aprendido

com os europeus, seu futebol dava forma a uma auto-imagem que permitia aos brasileiros se verem como os grandes mestres da bola, vivenciando o jogo como um elemento de união e conagração. Por mais que na prática se continuasse a buscar em outros países modelos ideais, seja de educação, de cultura ou de economia, tratava-se assim de afirmar, para além deles, o valor da cultura local.

Vaidosos do valor da nação por eles cantados em 1938 durante a Copa do Mundo da França pela voz tropicalíssima de Carmen Miranda - na indicação de uma ambigüidade que, mesmo passadas seis décadas, ainda ecoava pelas ruas da cidade durante a disputa de mais um torneio mundial: 'Paris! Paris! / Teu Rio é o rio Sena'. E ponto final.

*Publicado no Jornal da Tarde, 21/10/2000.